

## **CAPACIDADE DE ORGANIZAÇÃO GRUPAL: UM ESTUDO DE CASO COM CRIANÇAS PARTICIPANTES DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL 'PEQUENOS GUIAS DO BOSQUE DA CIÊNCIA'**

Sylvia S. Forsberg<sup>(1)</sup>; Maria I. G. Higuchi<sup>(2)</sup>

<sup>(1)</sup>Bolsista CNPq/PIBIC; <sup>(2)</sup>Pesquisadora INPA/GTEA

Os problemas ambientais representam atualmente uma preocupação importante na maioria das sociedades do mundo ocidental. Viu-se na educação um veio importante para um alerta geral da necessidade de modificação dos comportamentos em relação ao meio ambiente. Segundo a UNICEF (1993), toda ação de zelo e cuidado ambiental deve partir de movimentos participatórios para assegurar a proteção e uma boa utilização dos recursos naturais. Estes movimentos participatórios requerem uma mobilização grupal. A educação ambiental tem um papel central neste processo de mobilização, pois ela fomenta as relações entre as pessoas e destas com seu ambiente natural e construído.

Atividades de estímulo à mobilização grupal podem ser desenvolvidas tanto com adultos quanto com crianças. Este trabalho, no entanto, envolveu crianças, por que conhecendo as crianças podemos melhor conhecer os adultos, uma vez que elas vivem num mundo estruturado pelos adultos e de certa forma reproduzem este conhecimento. Ao proporcionar atividades educativas envolvendo as crianças, o contexto socio-cultural não deve ser negligenciado, pois esses aspectos estão inevitavelmente intrínsecos no comportamento das crianças. O desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento emocional da criança também influenciam nesta capacidade de mobilização e cooperação (Piaget 1971, 1973, 1983; Kroger 1996). A análise desses fatores num processo de organização grupal podem nos oferecer elementos importantes para propor o estímulo adequado num programa com envolvimento comunitário com vistas à proteção e cuidados ambientais. Nesta perspectiva, o presente trabalho propôs-se a investigar o processo de organização grupal que ocorre entre os participantes do projeto Pequenos Guias\*. Os objetivos específicos do estudo foram: i) identificar as formas vigentes de comportamentos nos agrupamentos de meninos e meninas em diferentes momentos do programa educacional, ii) investigar as qualidades interpessoais no grupo e suas formas contextuais de expressão durante as atividades educativas e iii)

---

\* O projeto Pequenos guias do Bosque da Ciência (Higuchi, 1994; 1998; 2000; 2001) trata de um programa de educação ambiental que há 7 anos integra meninos e meninas de idade de 10 a 14 anos de idade, moradores vizinhos ao parque Zoológico, chamado Bosque da Ciência, o qual é mantido pelo INPA.

identificar o processo de desenvolvimento das relações cooperativas, afetivas e potencialidades de liderança em pequenos agrupamentos.

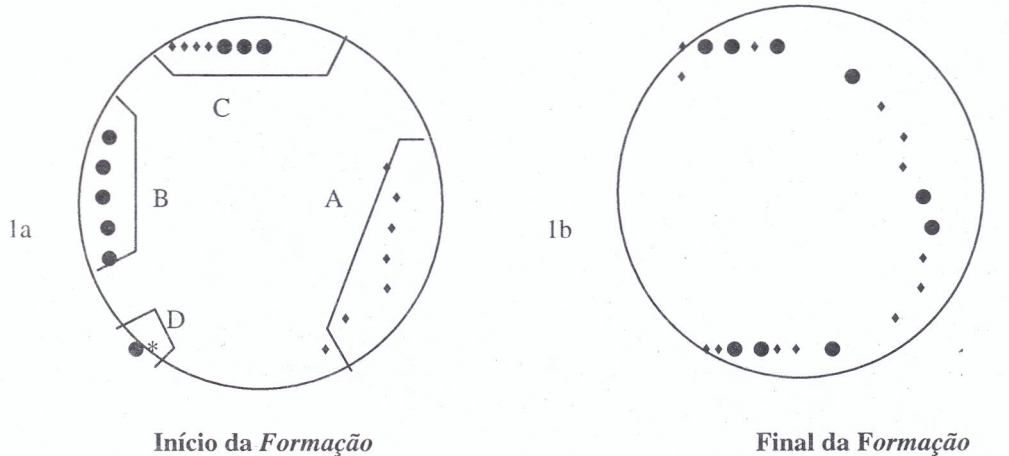
O processo pedagógico do programa constitui-se em três momentos educacionais distintos: a) *Formação Crítica* (duração de 8 a 10 meses, encontros semanais com atividades sociais, culturais, ecológicas e de turismo); b) *Atuação e Integração como Guia* no Bosque da Ciência (duração de 10 a 12 meses, obedece uma escala de um ou dois turnos por semana, acompanhando visitantes pelas trilhas e núcleos temáticos do Bosque) e c) *Participação Cidadã na Comunidade* (integração nas atividades de extensão internas e com outras instituições preocupadas com a questão ambiental).

A observação participante foi o principal método utilizado para investigar o comportamento grupal dos participantes do programa. As observações foram feitas durante os dois primeiros momentos educativos (*Formação e Atuação*) por ocasião dos eventos realizados com as crianças uma vez por semana, de duração de duas horas. As observações e diálogos foram anotadas em um diário e posteriormente analisadas. Durante a *Formação Crítica*, onde são apresentadas as atividades próprias do programa educativo, foram desenvolvidas dinâmicas de grupo como uma oportunidade de estimular as habilidades interpessoais entre os participantes. Na fase de *Atuação* foram realizadas entrevistas semi-estruturadas para melhor caracterizar as relações interpessoais entre os membros do grupo, a partir das concepções das próprias crianças.

A partir dessa investigação, observou-se que o agrupamento espontâneo mais saliente no início da fase de *Formação* foi a segregação em sub-grupos por gênero. Por exemplo, os meninos e as meninas tenderam a formar sub-grupos isolados e com pouca interação. A Fig.1a, mostra um exemplo deste tipo de comportamento, onde a associação por gênero não é por acaso ( $\chi^2 = \sum[(N^0_{\text{obs}} - N^0_{\text{esp}})^2/N^0_{\text{esp}}] = 23,849$ ; Graus de Liberdade = 4-3 = 1; P < 0,005). Após a aplicação de algumas dinâmicas de grupo, percebeu-se uma melhor integração das crianças em relação ao gênero, isto é os meninos e as meninas se integravam e interagiam mais. Aparentemente a identificação como pertencente ao grupo de "Pequenos Guias" era suficiente para proporcionar maior integração entre os participantes. A Fig.1b, mostra um agrupamento espontâneo dos participantes com associação ao acaso em relação ao gênero ( $\chi^2 = \sum[(N^0_{\text{obs}} - N^0_{\text{esp}})^2/N^0_{\text{esp}}] = 0,1688$ , graus de liberdade = 4-3 = 1. P>0,5). Foi identificado também no início do programa educacional uma segregação física de sub-grupos, um por serem colegas de escola, e outro por serem parentes. Quando os educadores utilizavam técnicas de dinâmica de grupo separando esses grupos eles se mostravam pouco produtivos,



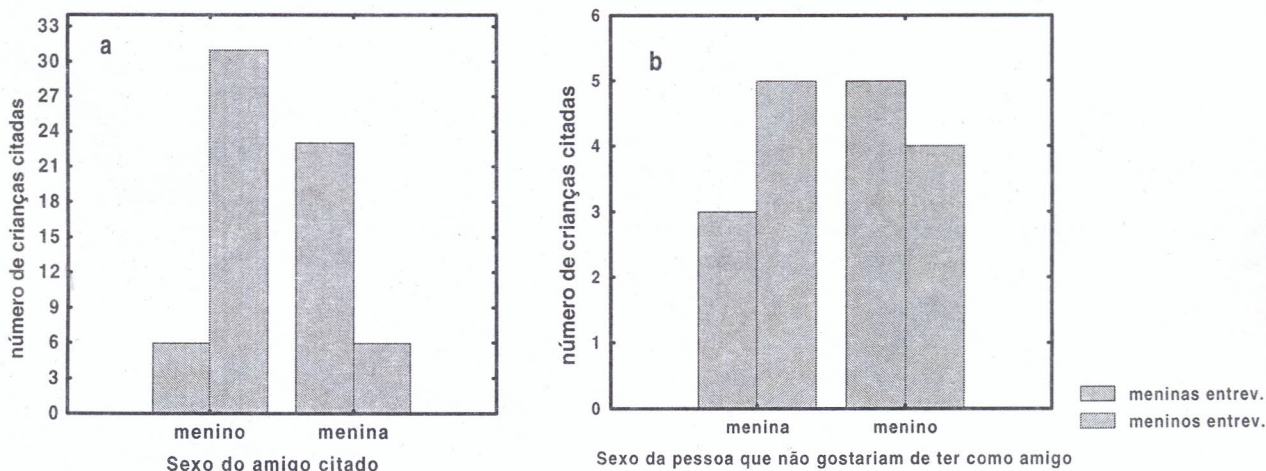
as crianças apresentavam dificuldades nas relações com os outros colegas não familiares e em alguns casos se recusavam a participar com os "desconhecidos".



**Figura 1:** Agrupamento espontâneo de crianças. ♦ = menino, ● = menina.

Essa condição de segregação grupal permaneceu forte durante todo o programa, as quais não foram extintas, mas com as intervenções criou-se possibilidades de novos grupos, ampliando assim suas interrelações. Estabeleceu-se um novo referencial para identificação e integração dos participantes, agora como "grupo dos Pequenos Guias".

Segundo Piaget (1971; 1973; 1983), a falta de colaboração é própria da fase "egocêntrica" em que os participantes provavelmente se encontravam. Porém o papel das amizades já constituídas antes do início do programa neste comportamento grupal não ficou claro na análise inicial. A natureza destas amizades e sua influência sobre a dinâmica do grupo investigadas durante a fase de atuação mostrou que havia uma forte tendência das crianças se relacionar mais intensamente com outros pares do mesmo sexo e rejeitar aqueles do sexo oposto (veja Fig. 2 (a e b, respectivamente)).

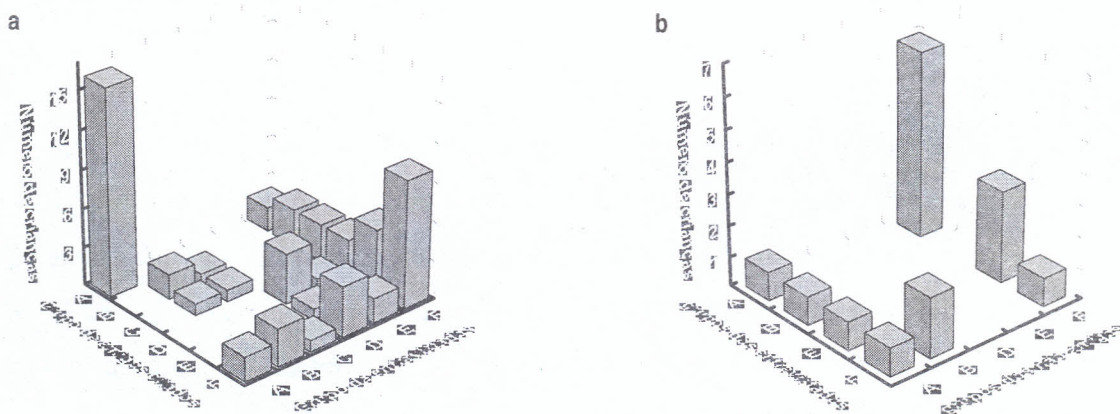


**Figura 2:** Paridade das amizades entre os participantes

Por um lado, estas tendências podem refletir a fase de desenvolvimento psicológico dos participantes, pois no início da adolescência, esses participantes ainda estariam numa fase de individuação e de formação da identidade sexual, onde se valoriza mais as relações com as pessoas do mesmo sexo do que as relações heterossexuais (Kroger, 1996).

Foi identificado também a existência de uma forte relação de amizade entre parentes e colegas da mesma escola e a tendência em rejeitar os pares que não faziam parte destes grupos (Fig. 3. (a e b, respectivamente)). Podemos observar que os entrevistados do grupo "amigos de escola" (A), tenderam a citar como amizades possíveis outros pares da escola.

**Figura 3:** Possibilidade de criar novos laços de amizade entre os colegas do grupo de



Pequenos Guias. Grupo de amigos de escola = A; Grupos de parentes = B,C,D,E; Grupo de participantes excluídos dos outros grupos = F.

Os entrevistados dos grupos de parentes (B,C,D e E) tenderam a citar como amizades possíveis pares de parentes mas somente os "seus" parentes. Os entrevistados que não pertenciam a nenhum destes grupos (F) eram ecléticos na seleção de possibilidades de amizades, consideraram tanto aqueles que estão centrados com colegas quanto aqueles que se segregavam pelo fato de serem parentes. Nas relações entre os participantes na formação e na atuação, prevaleceram aquelas já constituídas anteriormente ao programa, pois eram relações construídas ao longo de vários anos e que envolveram um compromisso e identificação mais forte. Segundo Youniss (1994) as amizades se diferenciam das relações de pares pelas histórias de ações recíprocas que acontecem entre amigos. Esta reciprocidade gera um pacto com obrigações mútuas que não existe entre os pares que simplesmente se associam em uma mesma atividade ou contexto social. Identificamos, por fim, dois níveis de relacionamentos entre os participantes estudados: o primeiro refere-se à relação contextual da experiência como Pequeno Guia, e o segundo refere-se à relação de amizade estabelecida a priori. No



relacionamento contextual os participantes consolidaram sua identidade como membro do grupo, isto é, houve uma evolução e melhor integração incondicional e desconsiderando aspectos relativos à diferença sexual. Em relação, às amizades estabelecidas a priori, os participantes mostraram uma postura permanente de segregação sexual e não conseguindo se agregar com outros colegas para estabelecerem novas amizades durante todo o programa. Este fato deve-se, em parte, a fase do desenvolvimento psicológico dos participantes naquele momento. A partir destes resultados percebeu-se que as relações de gênero, de amizade de escola e de parentesco preexistentes eram bem estruturadas e fortes, e que isto interferia no desempenho do grupo. Estas relações, portanto, devem ser identificadas pelo educador e trabalhadas para que os participantes possam melhor desenvolver suas habilidades interpessoais e contribuir no futuro para ações colaborativas. As amizades fortes, baseadas em relações de reciprocidade a longo prazo, claramente impedem a mobilização grupal quando estão restritas a pequenos grupos de amigos. O desafio de um programa de educação ambiental é de promover um forte inter-relacionamento e identificação coletiva baseada em benefícios mútuos a longo prazo alcançados a partir de ações cooperativas.

Higuchi, M.I.G. (1994) "Projeto Pequenos Guias do Bosque da Ciência." Mimeo. INPA/Educação Ambiental.

Higuchi, M.I.G. e Farias, M.S.M. (2000) "Pequenos Guias do bosque de ciência: uma experiência de educação ambiental com crianças vizinhas à área de preservação" *Anais do Congresso Iberoamericano de Educação Ambiental*, Caracas: PNUMA 20 pp

Higuchi, M.I.G. (2001) "Crianças e meio ambiente: Dimensões de um mesmo mundo". No prelo. Noal, F.O., Reigota, M e Barcelos, V. [eds.] (no prelo)UFCS.

Kroger, J. (1996) *Identity in Adolescence: The Balance between Self and Other*. Second Edition. Routledge, London.

Piaget, J. (1971) *Structuralism*. London: Routledge & Kegan Paul.

Piaget, J. (1973) *Problemas de psicologia genética*. Rio de Janeiro: Forense

Piaget, J. (1983) *Gênese das estruturas lógicas elementares*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Ed.

UNICEF, (1993) cited in Hart, R. (1997) *Children's participation: The theory and practice of involving young citizens in community development and environmental care*. UNICEF/Earthscan Publications Ltd. London/New York.

Youniss, J. (1999) "Children's friendships and peer culture, pp13-25. In Woodhead, M. Faulkner, D. e Littleton, K [eds.] *Making Sense of Social Development*. Routledge, London.